

LOPES, ÓSCAR et al. A PLANÍCIE E O ABISMO. Actas do Congresso sobre Florbela Espanca realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994. 1. ed. Lisboa: Vega, Évora: Universidade de Évora, 1997. 257p. (Outras obras).

RENATA SOARES JUNQUEIRA¹
(UNESP-Araraquara)

Nunca é tarde para celebrar escritores cujas obras permanecem sempre admiravelmente vivas, ainda quando se situam nas margens do fluxo literário já canonizado. Se, curiosamente, a obra de Florbela Espanca era já em 1945 — apenas quinze anos após a morte da escritora! — objeto de uma dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa,² hoje será ainda mais espantosa — porquanto *inesperada* — a boa acolhida que ela tem obtido nos meios universitários portugueses e brasileiros.³ Espantosa e também auspiciosa — tomara!

Na passagem do centenário de nascimento da poetisa, em 1994, alguns estudiosos de nomeada se congregaram para lhe prestar homenagens. No Brasil, correram notícias das iniciativas da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano (Universidade Federal de Pernambuco) e do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena” (UNESP de Araraquara - S. P.), entidades que promoveram debates e colóquios dedicados a Florbela. Em Portugal, a Universidade de Évora realizou um Congresso florbeliano de largo fôlego.

Frutos dessas homenagens são os volumes que posteriormente vieram a lume: a revista *Estudos Portugueses* (nº 4, jan. 1993 - dez. 1994), da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano (Recife), a coletânea de *Estudos sobre Florbela Espanca* organizada por José Rodrigues de Paiva e

¹ Departamento de Literatura - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14.800-901 - Araraquara - SP.

² Leia-se esta informação no artigo de Fernando J. B. Martinho, “Florbela, poeta de culto da geração de 50”, inserido no volume que aqui pretendo resenhar (p. 45).

³ Por desconhecimento, nada posso afirmar sobre a leitura universitária de Florbela nos países africanos de língua portuguesa.

editada também pela Associação pernambucana (1995), e o *Boletim do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”* (nº 7, jan./jun. 1995), de Araraquara.⁴ Finalmente, chega-nos agora às mãos o livro intitulado *A Planície e o Abismo*, que reúne os trabalhos apresentados em Évora naquela ocasião comemorativa.

Logo à partida chama-nos a atenção, na capa do volume, o belo jogo de cores e sombras em que se destaca o amarelo-trigo sobre a imagem de Florbela esculpida por João Cutileiro. A seguir, na “Intervenção de Abertura” feita pelo então Vice-Reitor da Universidade de Évora, ressoa um alerta que, por acaso, hoje — quase quatro anos depois do Congresso eborense! — vem calhar muitíssimo bem às universidades brasileiras e aos orientadores das **Novas Diretrizes Curriculares** propostas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Adverte aquele Vice-Reitor, José Antunes Afonso de Almeida, que a universidade deve precaver-se contra o perigo de sucumbir à tecnocracia, contra o perigo de, “em vez de estudar e ensinar as línguas e literaturas do mundo”, transformar-se “numa escola de formação de intérpretes”, ou, “em vez da procura da ciência”, dedicar-se apenas “à formação de engenheiros electrotécnicos ou de químicos industriais”, ou, enfim, “em vez de educar homens e mulheres”, prepará-los exclusivamente para que venham a “ocupar uma qualquer posição na sociedade” e conferir-lhes “um certificado que lhes abra a porta para a exploração do mundo” (p. 8-9).

Ora, que esta advertência seja proveniente do contexto de um congresso voltado para a literatura, e exclusivamente para uma literatura *marginal* (que ela ainda o é, apesar dos avanços significativos da crítica), e que, no caso do Brasil, a obra de Florbela Espanca seja parte da matéria a ser examinada no recém-implantado **Exame Nacional dos Cursos de Letras** (*vulgo* “provão”)⁵ —, não pode tudo isso ser interpretado como um sinal de bom presságio, apesar de todos os nossos pesares? (Pessoalmente, serei otimista.)

Mas prossigamos. O prefácio de *A Planície e o Abismo* é da responsabilidade de Eunice Cabral, que em 1994 foi a Presidente da Comissão Organizadora do florbeliano evento e que toca em algumas questões realmente fundamentais na obra de Florbela, das quais as duas mais interessantes, a meu

⁴ Cumpre lembrar que, na UNESP de Araraquara, a pesquisadora Zina Bellodi da Silva já havia organizado, em 1988, uma *Homenagem a Florbela Espanca* publicada no nº 15 dos *Cadernos de teoria e crítica literária*.

⁵ Sem pretender blasfemar, ousar dizer que me parecem um tanto anacrônicos a “surpresa” e o “espanto” com os quais Óscar Lopes, no artigo inaugural do volume que aqui está em causa, declara ter constatado um “grande caso”: o de “que Florbela é razoavelmente conhecida no Brasil” (p. 27). Não será demais lembrar que a Literatura Portuguesa ainda é — felizmente! — disciplina obrigatória nos melhores Cursos de Letras do Brasil. (E acrescento, entre parêntesis, que na UNESP de Araraquara os alunos de Literatura Portuguesa lêem, além de Florbela, Álvaro do Carvalho, Henrique de Vasconcelos e outros, mais ou menos marginais.)

ver, podem ser produtivamente analisadas na sua relação de causa-e-efeito: reconhece a prefaciadora que “uma temática recorrente no conjunto das comunicações ... apresentadas é, sem dúvida, a referente à *expressão dramática* da subjectividade pressuposta nos textos florbelianos” (p. 15; itálico meu), após ter afirmado que, “se visivelmente os seus poemas não são modernistas, *toda a sua obra ... é moderna*” (p. 12; itálico meu).

O leitor poderá ler, em seguida, o depoimento comovido de Maria Amélia Cutileiro Índias, Professora Associada do Departamento de Física da Universidade de Évora, que lamenta não haver ainda uma lápide com o nome de Florbela Espanca na entrada da Universidade que foi outrora o Liceu de Évora, onde a poetisa estudou.⁶

Apresentam-se então 23 artigos — de Óscar Lopes, Fernando Martinho, António Cândido Franco, Aura Simões, Angélica Soares, Maria Lúcia Dal Farra, Beatriz Weigert, Catherine Dumas, Isabel Allegro Magalhães e Jorge Figueiredo Jorge, entre outros —, distribuídos por quatro grupos temáticos: “Canonização e o lugar histórico-literário da obra florbeliana”; “Busca de identidade e expressão narcísica na obra florbeliana”; “Universo temático do amor e do erotismo na obra florbeliana”; “Figurações femininas na obra florbeliana”.

Pelo caráter inovador da perspectiva crítica que propõem, merecem destaque, de um lado, os artigos de Helena Carvalhão Buescu e Paula Morão. A primeira, ao analisar na poesia de Florbela Espanca o que considera “um complexo e elaborado processo de auto-representação” que passa pelas “estratégias principais” da “auto-nomeação e a auto-descrição” (p. 101), constata “que aquilo que obsessivamente Florbela hiperboliza e exprime é a própria impossibilidade, *já moderna*, de ser sujeito tal como ele é entendido no âmbito da sua discursividade” (p. 105; itálico meu). A segunda, fixando-se no *Diário* composto pela escritora alentejana no ano de 1930 — e principalmente no seu fragmento inicial, datado de 11 de Janeiro —, chama a atenção para o fato de que o retrato que ali se esboça pode também, em última análise, ser observado em toda a obra florbeliana: trata-se do “retrato de uma consciência em crise, sim, mas ainda com forças para *encenar* essa crise, tendo porventura em vistas o leitor que o próprio texto prevê” (p. 115; itálico meu). De resto, Paula Morão repara ainda, oportunamente, que no *Diário* de Florbela “loucura e apropriação simbólica do mundo são ... os termos simbólicos em que se

⁶ A queixa de Maria Amélia Cutileiro Índias pode também ser lida através da INTERNET, no painel “Muro das Lamentações” do NUE (*Notícias da Universidade de Évora?*). A este respeito, procure-se na INTERNET o seguinte endereço:

http://www.uevora.pt/publicacoes/NUE/NUE6/NUE6_12.HTM

desejaria instituir o *eu*, curiosamente ... em termos similares àqueles que lemos em Mário de Sá-Carneiro” (p. 114).

De outro lado, destacam-se também os trabalhos de Margarida Braga Neves e Armando Nascimento Rosa, que partem, ambos, da iconografia florbeliana — especialmente da calculada *pose* da poetisa nas suas muitas fotografias — para captar, através da análise de algumas obras da literatura portuguesa dos últimos vinte anos, a personalidade teatral de Florbela Espanca e a sua forte vocação para *personagem de ficção*. Assim, Margarida Braga Neves recorda Florbela nos textos de Agustina Bessa-Luís (*A Vida e a Obra de Florbela Espanca*, 1979), Teresa Veiga (“A minha vida com Bela”, 1990) e Hélia Correia (*Florbela*, 1991),⁷ que procuram, todos eles, reter e transmitir a imagem e o “deslumbrante enigma” (p. 210) da personalidade da autora de *Charneca em Flor* — “tarefa tanto mais árdua”, anota a estudiosa, “quanto o caso de Florbela é o de uma personalidade enclausurada (i. e., protegida) no reduto mágico da poesia e que, por isso mesmo, segrega uma espécie de ‘*anti-mundo protector, através dos versos*’” (p. 210). E Armando Nascimento Rosa, num artigo pródigo em anotações lapidares sobre a *teatralidade* de Florbela, aponta para a aura mítica que envolve a sua figura em duas obras da dramaturgia portuguesa mais recente: *Bela-Calígula* (1987), de Augusto Sobral, e de novo a *Florbela* (1991), de Hélia Correia.⁸

Tantas e tão pertinentes reflexões sobre Florbela Espanca e a sua obra fazem de *A Planície e o Abismo* um livro verdadeiramente *charmant*, que há muito se desejava ler e que é, pois, muito bem-vindo⁹ — um livro, como diria talvez Florbela, que “fica e é qualquer coisa de jeito”.

⁷ Comentei também a novela de Teresa Veiga e a peça dramática de Hélia Correia em artigos publicados no *Boletim do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”* (Araraquara): uma resenha de *O último amante*, de Teresa Veiga (*Boletim* n.º 5, mar./jun. 1994), um estudo sobre “Florbela no teatro – Notas sobre uma peça de Hélia Correia” (*Boletim* n.º 7, jan./jun. 1995) e outro sobre “Florbela entre o mito e a realidade” (*Boletim* n.º 12, jul./dez. 1997).

⁸ Não posso deixar de dizer que Florbela já esteve também em palcos brasileiros. É bem digna de nota, aliás, a interpretação da atriz Zezé Polessa na peça que Maria da Luz compôs e que Miguel Falabella dirigiu recentemente: *A Bela do Alentejo* (1996).

⁹ É lamentável todavia, neste caso, a falta de um trabalho mais rigoroso de *revisão textual*: muitos artigos apresentam falhas bem visíveis na transcrição dos textos de Florbela (e logo com ela, que tão melindrosa se mostrava quando os seus poemas apareciam com gralhas!).